

Entrevista. Luis Sepúlveda está em Portugal para lançar *Á Lâmpada de 'Aladino'*, colectânea de 13 contos passados entre a Patagónia e Europa. O escritor chileno, a quem Pinochet retirou a nacionalidade, vive actualmente em Espanha e não pensa voltar ao seu país. Afirma-se um resistente e um defensor da memória

“Se não tivesse ética seria um cidadão de direita”

MARIA JOÃO CAETANO

O que une os 13 contos reunidos em *A Lâmpada de Aladino*?

Não há nada mais difícil do que armar um livro de contos porque eles têm o terrível costume de incomodar-se uns aos outros. Estes são parte de muitos contos que venho escrevendo nos últimos cinco anos e foram seleccionados porque abordam o paradoxo da riqueza.

Chega, não chega, chega tarde, quando chega cria mais problemas do que aqueles que tínhamos antes. **São histórias baseadas em personagens reais?**

Têm a ver com coisas que eu vi, que me aconteceram. Por exemplo, não gosto de Carnaval mas um dia estava em casa de um amigo, na praia de Ipanema, no Rio, e fomos para a varanda ver o desfile das escolas de samba. E reparámos que havia muitas ambulâncias. Os enfermeiros disseram-mo que algo estranho estava a acontecer pois já tinham transportado cinco mortos. Era evidente que a morte também estava no Carnaval. E eu achei que este seria um bom tema para trabalhar, fazer um conto sobre a morte.

Acabou por fazer mais do que um. A morte atravessa todo o livro. É algo que o preocupa?

Vivemos com a morte. Sei que vai chegar. Mas tenho uma grande sorte: não sou católico nem muçulmano nem judeu, não acredito em Deus e sei que não existe. Por isso a morte não me preocupa.

Por isso mesmo é que poderia ter medo. Quem acredita tem menos motivos para temer. Quando a morte chegar é porque é

hora de chegar. E irei dizer-lhe: vamos lá, então.

O que tem o *Aladino Garib* de especial para dar título ao livro?

Na América do Sul quando conhecemos alguém dizemos o nosso apelido. E um dia, na Patagónia, cheguei a uma cabana onde viveram os famosos bandidos Butch Cassidy e Sundance Kid e vejo um homem muito velho, que me estende a mão e diz “Sepúlveda”. Não porque me conhecesse mas porque era o seu nome. Era óbvio que tínhamos o mesmo nome. Eu digolhe: “Devemos ser parentes, qual é o seu primeiro nome?” E ele diz: “Aladino.” Aladino Sepúlveda. Isto é uma maravilha. Isto dá um conto.

Mais um velho. Já contou quantos velhos têm os seus livros?

Gosto muito dos velhos, eu próprio já sou um velho e fico feliz por os meus seis filhos me tratarem assim,

por velho, mas com carinho. Cresci com os meus avós e com os seus amigos que eram todos velhos. E os velhos fascinam-me. Ali está a vida. Têm um caminho percorrido, uma memória, uma experiência que não deveria perder-se. Hoje em dia cada vez menos se dá menos valor a essa experiência e isso é um erro.

Se encontrasse o génio da lâmpada e este lhe concedesse três desejos, o que pediria?

O primeiro desejo era que George Bush voltasse a ser o alcoólico que era antes. Porque como presidente ele é uma besta. O segundo desejo seria que aparecesse aí uma nuvem de inteligência, porque falta inteligência, sobretudo entre a classe po-

lítica. E o último seria para abandonarmos uma série de mitos perigosíssimos que existem, como o mito da sorte. Há muitos jovens que acreditam que não vale a pena esforçarem-se por ser um bom mecânico ou dentista ou outra coisa. Para quê? Se tiver sorte poderá ser um bom milionário. Há escritores que não estão interessados na literatura, escrevem apenas para en-

trar nesse jet-set. Vê-se nas revistas do coração: o famoso escritor fulano de tal abre a porta de sua casa. Porquê? Eu não nasci para isto.

Sente que um escritor tem um papel social a desempenhar?

Não acredito muito no poder da literatura para mudar a sociedade. O que acontece é que sou um cidadão que gosta de incomodar o poder. Tenho uma vinculação com a vida que é profundamente ética – por isso sou de esquerda, se não tivesse ética seria um cidadão de direita.

Com a literatura tenho uma ligação profundamente estética, sei que sou um criador de beleza. Não escrevo panfletos, escrevo romances. Mas ao mesmo tempo sou cidadão e escritor, por isso tento estabelecer pontes e dar à literatura a mesma ética com que enfrento a vida, e dar à minha vida a mesma estética com que enfrento a literatura. É o meu desafio pessoal.

É cada vez mais difícil ser de esquerda?

É uma atitude. Como diz Saramago, ser de esquerda é uma maneira de ser. E, que diabo, há que resistir. Não há outra coisa a fazer se não resistir. ■

Diário Notícias	Periodicidade:	Diário	Temática:	Cultura
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	795 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	79040	Página (s):	47

25-10-2008



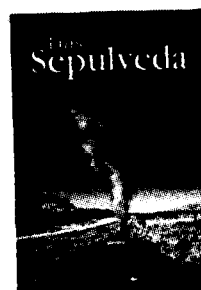
“Há escritores que não estão interessados na literatura, querem apenas entrar nesse ‘jet-set’ e aparecer nas revistas”, diz Sepúlveda

13 contos mas apenas um final feliz

Luis Sepúlveda diz que gosta muito de **escrever contos**, apesar de serem um género difícil. Mais difícil do que o romance. “Num romance, se um capítulo não sai bem temos oportunidade de levantar o livro no capítulo seguinte. O conto nasce na nossa cabeça, muito lentamente. É como o vinho: requer tempo e repouso. E depois ou sai ou não sai, não admite muita

intromissão do autor.” Em *A Lâmpada de Aladino* reúne 13 contos de viagem, como são sempre os seus textos. Os cenários são os locais por onde Luis Sepúlveda passou: **a Patagónia, a Alemanha, o Brasil**. As personagens poderão até ser inspiradas em figuras reais. Mas o autor garante que são ficção: “É uma mistura. **A quantidade de ficção e a quantidade**

de referências pessoais é um segredo como o segredo da coca-cola. Não se pode dizer exactamente onde acaba um e e começa outro.” Mesmo quando reconhece que um destes contos (*Ding ding dong*) é inspirado na história de amor com a sua mulher. Não será por acaso que este é o único conto que tem um final feliz. O autor prefere os finais abertos,



Luis Sepúlveda
A Lâmpada de Aladino
Porto Editora

perfil

- Nasceu no Chile, em 1949
- Apoiante de Allende, após o golpe de Pinochet foi preso e depois abandonou o país.
- Tem nacionalidade alemã mas vive em Gijón, Espanha
- Autor de *O Velho Que Lia Romances de Amore*, *História de uma Gaivota* e *do Gato que ensinou a Voar*